

ENSINO DE LITERATURA E O DESAFIO NA FORMAÇÃO DE LEITORES NO PROEJA

Rosane Tavares Almeida *

Resumo

Este trabalho visa relatar uma pesquisa que pretendeu investigar como a Literatura, em turmas do PROEJA de instituições federais, vem sendo efetivamente abordada; se seu ensino promove a formação de leitores e se coopera para que os objetivos gerais do PROEJA sejam atingidos. Para tanto, partiu de um referencial teórico sobre o PROEJA e o ensino de Literatura para analisar informações obtidas, através de questionários, junto a professores e alunos desse Programa de ensino.

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Palavras-chave: Ensino; Formação de leitores, Literatura, PROEJA.

Introdução

A Literatura é a porta de entrada e percepção de que a língua tem uma magia: a de dar forma e existência ao que sentimos e somos, ao que as relações grupais são, ao que e como o Universo é, os universos são. (TRAVAGLIA, 2011. p.23).

A Literatura como disciplina dos currículos escolares só é obrigatória no Ensino Médio, e seu estudo deve acontecer concomitante ao de Língua Portuguesa. Cabe ao professor dividir o tempo das aulas para abordar, em separado, os conteúdos dessas disciplinas e trabalhá-las de forma integrada. Para muitos docentes, as duas opções são problemáticas devido à carga horária reduzida, como por exemplo, em cursos do PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos), em que essa carga não ultrapassa a três horas-aula semanais.

Sobre os objetivos a serem alcançados no Ensino Médio, a LDBEN nº 9.394/96 destaca, entre outros, o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o

desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (BRASIL, 1996). As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006) fazem referência a esse inciso ao mencionar que a Literatura (e as outras artes) deve visar, sobretudo, ao cumprimento desses objetivos.

Nesse sentido, é importante o professor entender a Literatura como uma arte, que é capaz de promover a humanização. É como afirma Candido:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p.180).

Para cumprir tal objetivo, “não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos,





características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido.” (BRASIL, 2006, p.54).

Diante de tais orientações, a escola se depara com o grande desafio de ajudar a promover a humanização dos alunos e de torná-los cidadãos críticos, capazes de ler “nas entrelinhas” e de assumir posições diante de suas leituras. Segundo Lerner,

o desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a Literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária. (LERNER, 2002, p. 28).

Os documentos oficiais, de forma direta e clara, reconhecem que a Educação, antes de tudo, tem o papel de formar o homem em todos os seus aspectos para que possa atuar socialmente de forma consciente, crítica e significativa; e a Literatura, assim como outras disciplinas, pode ser mediadora dessa formação.

Tratando-se de alunos da Educação de Jovens e Adultos, a escola tem o desafio de levar em conta a formação diversificada de seus educandos, seus valores, suas visões de mundo e suas experiências de vida. Portanto, o papel da Literatura na formação dos alunos do PROEJA, programa educacional que será o foco deste trabalho, envolve muitas questões, tais como a importância atribuída a essa disciplina, a formação que se pretende e o modo como está inserida na proposta do PROEJA.

Conhecer as metodologias utilizadas nas aulas de Literatura, o perfil dos educandos quanto aos hábitos de leitura e a formação dos professores permitirá uma visão geral do trabalho pedagógico com essa disciplina no PROEJA e possibilitará uma reflexão sobre sua relevância para que se alcance o objetivo maior desse Programa de ensino: “a formação humana, com seu

acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional” (BRASIL, 2007, p.13), e ainda, “a perspectiva de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele.” (Idem).

A pesquisa relatada neste artigo pretendeu descobrir se o ensino de Literatura no PROEJA promove a formação de leitores e se coopera para que objetivos gerais desse Programa sejam atingidos nas escolas pesquisadas. Para tal, inicialmente recorreu-se a um referencial teórico na tentativa de elucidar a importância dessa disciplina e os objetivos de seu ensino. Em seguida, foram analisados os dados da pesquisa e propostas ações que contribuam para um ensino mais produtivo de Literatura no PROEJA.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O ENSINO DE LITERATURA NO PROEJA

A EJA no Brasil

Ao lançar um olhar, ainda que superficial, sobre a história da educação no Brasil, detectamos, como afirma Cury,

um processo de produção de desigualdade, de cujo peso a realidade atual ainda é detentora, nos mostrando a face dos sujeitos da privação: negros, pardos, migrantes do campo e de regiões mais pobres do país, trabalhadores manuais, moradores de bairros periféricos e pessoas fora de faixa etária legal.(CURY, 2008, p. 215).

Para esses sujeitos mencionados, privados durante séculos de um dos direitos essenciais à vida - a educação - vem sendo garantida por lei, há algumas décadas, a Educação de Jovens e Adultos. Segundo a LDB, seção V, art. 37º, “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” (BRASIL, 1996).



O aluno da EJA, com suas peculiaridades no modo de ser, agir, pensar ou falar, chega à escola com uma larga experiência de vida. Esse indivíduo, cidadão com direitos e deveres, pode e deve participar ativamente de seu aprendizado; para tanto, precisa ser colocado em contato com conteúdos significativos e abordagens próximas de seus interesses e necessidades. Sendo assim, o docente da EJA deve compreender as características de seu alunado, possibilitando que este “aprenda a aprender”, torne-se crítico e ativo em seu desenvolvimento cognitivo, psíquico e emocional.

Essa modalidade de ensino, porém, não tem ocupado muito espaço em nossas políticas públicas; é, em geral, tratada secundariamente, sem reflexão e planejamento. Segundo Andrade e Paiva, “a política pública da EJA é sempre uma política de migalha, uma espécie de sobra, para a qual não se prevêem nem metas compatíveis dignamente, nem espaços próprios na escola.” (ANDRADE E PAIVA, 2004, p. 17).

Aos alunos da EJA são propostas metodologias incompatíveis com a sua faixa etária. Segundo Gadotti e Romão, “há muitos anos que a Andragogia (...) nos tem ensinado que a realidade do adulto é diferente da realidade da criança, mas ainda não incorporamos esse princípio em nossas metodologias.” (GADOTTI E ROMÃO, 2006, p. 39).

De acordo com as Diretrizes Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, também nessa modalidade de ensino “as práticas pedagógicas não se conformam ao específico da educação de jovens e adultos, reproduzindo, muitas vezes, o ensino regular de maneira inadequada e facilitadora” (BRASIL, 1994, p.36), além de “os professores que trabalham na EJA, em quase sua

totalidade, não estarem preparados para o campo específico de sua atuação” (id. lb.).

Atualmente a oferta de escolarização na EJA é obrigatória e de responsabilidade dos municípios e estados. O Governo Federal, no sentido da extensão desse direito, criou, em 2005, o atendimento, no nível médio profissionalizante, através das escolas técnicas federais, o PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – , originário do Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005, alterado pelo Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006.

O PROEJA tem, em sua proposta, um caráter inovador: a integração entre ensino médio e educação profissional para o público da EJA, numa perspectiva de formação integral do ser humano:

O que realmente se pretende é a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa. A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele. (BRASIL, 2007, p.11-12).

A proposta do PROEJA é, pois, a formação para a vida em todas as suas esferas: a família, as relações interpessoais, a sociedade, a educação e o trabalho. Tem como fundamento o aprendizado ao longo da vida, o homem como ser inconcluso que se constrói e reconstrói a cada dia. Cabe, portanto, analisar a importância das diferentes disciplinas escolares nesse contexto e, em especial, a Literatura, que, como dito





antes, ajuda a promover a “humanização” dos indivíduos.

A leitura e o ensino de Literatura no PROEJA

Imerso em uma sociedade de constantes mudanças e inovações, o aluno jovem ou adulto necessita ser tratado diferentemente de uma criança que precisa entender o mundo à sua volta para compreender-se a si mesmo. Ele, provavelmente, já é conhecedor e precisa atuar, de forma construtiva, em sua sociedade.

A perspectiva do PROEJA é a formação do cidadão em sua plenitude, consciente de suas práticas e opções. Para que esse modelo de cidadão se efetive, faz-se necessário rever a formação do homem, que deve ser identificado, sobretudo, como Humano.

Diante dessa visão de homem, o PROEJA propõe um currículo inovador que integre os conhecimentos da educação básica e da profissional à formação humana e cidadã. Para tal, é necessário conhecer e valorizar os educandos, seus conhecimentos, suas experiências de vida, seus temores e seus ideais.

Sendo a clientela do PROEJA diversificada em vários sentidos (raciais, econômicos, etários etc.), o aprendizado deve acontecer de maneira significativa; os educandos devem se perceber como agentes desse processo onde seus conhecimentos e suas experiências são o ponto de partida para novas descobertas e conquistas.

A atividade de leitura, sobretudo de textos verbais em língua portuguesa, deve ser um processo prazeroso, significador e libertário de construção de sentidos que extrapola os muros da escola. Seu papel no desenvolvimento da competência discursiva dos jovens e adultos é fundamental e indispensável. É justamente nele e através dele que o sujeito recolhe, criticamente, elementos para o seu dizer e como dizer o que

pretende. Na medida em que o sujeito constrói seu próprio discurso, constitui-se como tal e age sobre o mundo. Por isso mesmo, não podemos deixar de dizer, como Geraldi, que “numa sociedade onde a leitura não é uma prática social, ler na sala de aula para construir possibilidades, construir significações, torna-se perigosa subversão. Lutar por ela é lutar, onde se está, contra o *status quo*.” (GERALDI, 1994, p.84).

Assim sendo, o PROEJA não pode se ausentar desse processo de luta, já que contribuir para a construção de uma realidade sem exclusão, elitismo e discriminação é o fim último dessa instância educativa.

Portanto, se desejamos garantir aos jovens e adultos a apreensão de saberes necessários ao seu desenvolvimento por inteiro, a leitura deve ter sua concepção revista, valorizada e mais bem trabalhada nos espaços educativos do PROEJA. Segundo Quevedo (2002,), desde o nascimento, o homem passa a ler o mundo com seus diversos sentidos, captando a realidade à sua volta, estabelecendo interações e acumulando referências incontáveis, uma vez que “o conhecimento prévio do mundo, mesmo que fragmentado, constitui-se num dos pressupostos básicos ao processo de leitura.” (QUEVEDO, 2002, p.78). É “a leitura do mundo precedendo a leitura das palavras, num processo onde linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 1982, p.11). Portanto, ler é sempre um ato interativo e criativo, que exige descobrir novas realidades e maneiras inéditas de relacioná-las entre si, de acordo com o contexto.

A leitura de textos literários é uma grande aliada no desenvolvimento do ser por completo, pois a interação leitor-palavras possibilita ao indivíduo um maior conhecimento de si mesmo e do meio em que vive e convive, assim como seu engrandecimento cultural, cognitivo e afetivo.



Conforme nos lembra Becker,

a Literatura é uma arte e como toda arte nasce da ação criadora de criar, de imaginar, inserir e retratar o ser humano, da mesma forma que coexiste na aprendizagem para adquirirmos cultura, conhecimento da nossa e das demais sociedades, sejam elas atuais ou passadas e para nos conhecermos a nós próprios via reflexos do que foi, é e serão os homens de sempre. (BECKER, 2010, p.3).

Ainda segundo a autora, “por mais que pensemos ou repensemos em um conceito para Literatura, o conceito mais antigo, porém, o mais óbvio, é o de Literatura sendo a arte da escrita.” (Ib.p. 1). A palavra é, pois, objeto da Literatura. Dominar essa palavra num processo de interação leitor-texto é o que chamamos de leitura. De acordo com Travaglia, “língua e Literatura são uma coisa só. A segunda é a primeira transformada em arte, a Literatura é o que há de mais livre, mais forte, e, por que não dizer, de mais belo de tudo o que se pode fazer com a língua.” (TRAVAGLIA, 2011, p.23).

Antonio Candido defende a Literatura como um direito de todos e uma necessidade de equilíbrio entre o homem e a sociedade. Segundo o autor, “quando o homem se apropria da poderosa força da palavra organizada, ordena melhor sua mente e seus sentimentos e, conseqüentemente, pode organizar melhor a visão de mundo que tem.” (CANDIDO, 2004, p. 176).

A Literatura permite que o ser humano seja ele mesmo, pense por si só, veja-se e reveja-se no mundo, entenda a sociedade e atue sobre ela, tenha a liberdade de rever valores, ordens estabelecidas e fuja da alienação. Segundo Leite, “a concepção de Literatura como trabalho com a linguagem leva-nos a pensar em uma educação crítica e transformadora do modelo de sociedade que a sustenta.” (LEITE, 2004, p.22).

É difícil, no entanto, dentro de um sistema capitalista, pensar nos homens

como iguais, reflexivos e atuantes socialmente. A Literatura estaria, portanto, contra esse sistema, e, deliberadamente, contra a fixação e permanência do *status quo*. Essa Literatura como arte que liberta e transforma não poderia, então, ser ensinada na escola. Segundo Becker, “a Literatura, a arte, dentro desta conjuntura social, perderam o seu lugar, tornando-se cada dia mais difícil promover a educação humanística em nossos alunos, provocando uma grande lacuna entre valores, sonhos e realizações por meio da arte.” (BECKER, 2010, p.2).

Em geral, no entanto, na escola, trabalha-se com a leitura literária desvinculada da realidade e das reais necessidades dos alunos. A prática das salas de aula está direcionada para uma visão histórica e biográfica concentrada no estudo de estilos literários sem a vivência da obra e com a leitura fragmentada de suas partes. Os alunos decoram datas, fatos históricos, principais autores, obras e características de cada estilo literário. Privilegia-se, nas escolas, a informação com objetivos específicos ao invés da formação.

Segundo Coutinho, “o ensino de Literatura no nível médio é pautado em três abordagens: histórica, enciclopédica e filológica.” (COUTINHO, 2008, p.25). Na primeira abordagem, o ensino de Literatura reduziu-se ao estudo histórico, isto é, ao conhecimento do meio social, político, econômico e da vida dos escritores, confundindo assim o fato histórico e o fato literário. Na abordagem enciclopédica, decoram-se listas de nomes de autores, obras e períodos. Por fim, na filológica, há o objetivo de usar o texto literário como pretexto para o estudo de gramática.

Para Niero, “a Literatura torna-se, então, maçante, e o que teoricamente deveria ser uma disciplina estimuladora da leitura, cujo ensino voltar-se-ia para a formação de leitores competentes, torna-se exterminadora de geração de leitores.” (NIERO, 2010, p.10).





A leitura literária pode ser muito mais agradável e enriquecedora para o aluno se o professor levar em conta que o momento de cada leitor é singular, ou seja, é tomado de significações particulares, e que a Literatura pode promover diferentes sensações, reações, mudanças de comportamentos e de valores.

ENSINO DE LITERATURA NO PROEJA: ANÁLISE DE UMA REALIDADE

Objetivo e metodologia da pesquisa

Para tentar compreender de que maneira se desenvolve o ensino de Literatura no PROEJA, foi realizada uma pesquisa, de caráter quali-quantitativa, com a aplicação de dois modelos de questionário com seis questões cada um. (ANEXO I). Um dos modelos foi respondido por cinco professores de Língua Portuguesa e de Literatura do PROEJA e versava essencialmente sobre experiência e formação do professor, desafios e metodologias do ensino de Literatura. O outro, elaborado para os alunos, perguntava sobre os hábitos de leitura destes, seus interesses por textos literários e suas opiniões sobre as aulas de Literatura.

A pesquisa aconteceu em três instituições federais no Rio de Janeiro, em quatro turmas do curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática do PROEJA, todas elas do 5º período. A opção por esse período deu-se porque, apesar de os alunos terem seis semestres para

a conclusão do curso, em duas das instituições visitadas a disciplina de Língua Portuguesa é oferecida só até o quinto período. Seria, então, o final de um processo no que diz respeito ao ensino de Literatura. Foram entrevistados trinta e sete alunos, número pequeno em relação à oferta de vagas, mas reflexo do alto índice de faltas e da evasão escolar.

Os professores de Literatura do PROEJA

O questionário respondido pelos cinco professores continha seis questões referindo-se à formação dos docentes, ao seu tempo total de magistério e de trabalho em turmas de EJA e de PROEJA, aos procedimentos metodológicos adotados e aos desafios que encontram para formar leitores.

Com relação à formação dos pesquisados, descobriu-se que todos possuíam pós-graduação: Mestrado em Letras (3), Ciência da Educação (1) e Especialização em Educação de Jovens e Adultos (1).

Com relação ao tempo de magistério dos docentes, dois afirmaram exercer a profissão há menos de cinco anos; dois há mais de dez anos; e um há mais de vinte anos.

Sobre o tempo de docência na EJA e no PROEJA, observamos, pela **tabela 1**, que alguns professores atuam nessa modalidade de ensino há bastante tempo e alguns atuam no PROEJA desde que foi instituído há seis anos (2005).

Entrevistados	Tempo de experiência na EJA anterior ao PROEJA	Tempo de atuação no PROEJA
Prof. 1	3 anos	6 anos
Prof. 2	10 anos	5 anos
Prof. 3	1 ano	2 anos
Prof. 4	2 anos	1 ano
Prof. 5	3 anos	6 meses

Tabela 1. Tempo de atuação na EJA e no PROEJA



Analisando a formação e o tempo de atuação desses professores na EJA e no PROEJA, em especial, percebemos que, excetuando o caso de um professor, os outros não têm formação específica para trabalhar nessa modalidade de ensino, no entanto, todos já têm certa experiência de lecionar para jovens e adultos.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados em suas aulas, os professores deram as seguintes respostas:

Professor 1: “debate e vídeo”

Professor 2: “aulas expositivas e debates”

Professor 3: “leitura de textos, vídeos, idas à biblioteca, músicas, discussão temática e desenvolvimento de produção textual”

Professor 4: “trabalho com jornais, revistas e leitura de textos diversos, além de debate crítico e exibição de filmes”

Professor 5: “leitura de textos seguida de exercícios de interpretação e observações acerca de características do gênero literário”.

Com essa pergunta, na realidade, a pesquisa objetivava saber se os professores utilizavam procedimentos visando promover a leitura. Isso só foi evidenciado nas respostas dos professores 3, 4 e 5. Notou-se, também, que, com exceção do professor 5, todos

os outros docentes usam estratégias em que o aluno pode expor sua opinião através de debates e/ou discussões.

Nas respostas à pergunta “Quais os desafios na formação de leitores no PROEJA?”, os professores foram quase unânimes: os próprios alunos do PROEJA são o maior desafio. As respostas dos professores foram as seguintes:

Professor 1: “Falta de intimidade do aluno com a leitura”

Professor 2: “Muitos”

Professor 3: “Criar no aluno o hábito da leitura, iniciação ao texto literário, proficiência da leitura”

Professor 4: “Incentivar os alunos a lerem e a produzirem textos, pois encaram essas atividades como impossíveis”

Professor 5: “Os alunos perceberem o livro como fonte de fruição e entretenimento”.

Deduz-se, então, que os maiores desafios estão em criar, nos alunos, o hábito da leitura e a certeza de que o livro pode ser fonte de prazer.

Os alunos do PROEJA

Aos trinta e sete alunos entrevistados, foi feita a seguinte pergunta: “Você costuma ler?”. As respostas dos entrevistados estão representadas no gráfico 1:

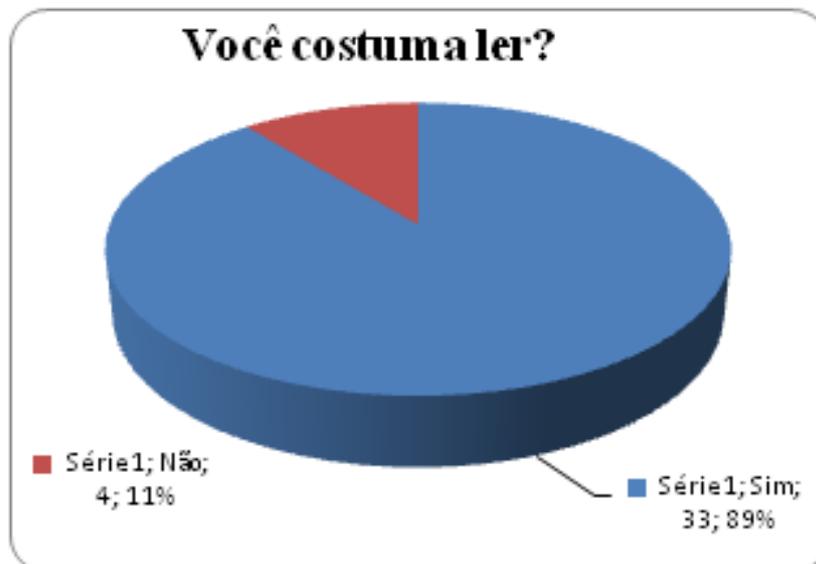


Gráfico 1: Hábito de leitura dos alunos



As respostas dos alunos a essa questão divergem das respostas dos professores sobre o desafio na formação de leitores. A maioria dos alunos afirma ter o costume de ler, enquanto que os professores apresentam a falta de hábito de leitura dos alunos como principal entrave na formação de leitores.

O **gráfico 2** explicita as respostas à pergunta “O que costuma ler?”, que é complementação da primeira pergunta caso a resposta do aluno fosse positiva. O quantitativo de respostas é maior do que o de entrevistados porque alguns alunos declararam interesse por mais de um gênero textual ou material de leitura.

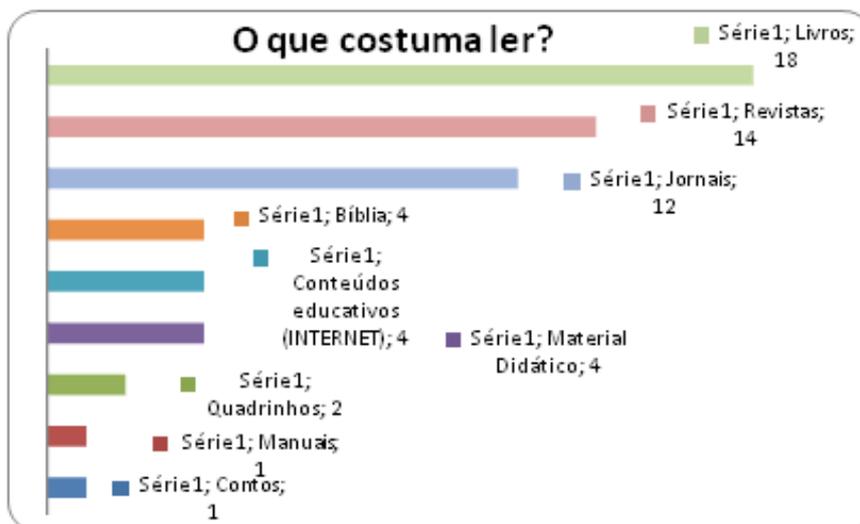


Gráfico 2: Tipo de leitura que realizam

Através do gráfico acima, notamos que os alunos leem mais jornais e revistas, ou seja, textos publicados em veículos de comunicação de massa.

Dentre os que leem livros, um lê de autoajuda, 7 leem romances e os outros não

especificaram o gênero. É importante destacar que a opção por textos literários propriamente ditos (romance e conto), no geral, foi pequena (8).

No **gráfico 3**, estão os dados referentes à pergunta “Quantos livros de ficção você lê em um semestre?”.

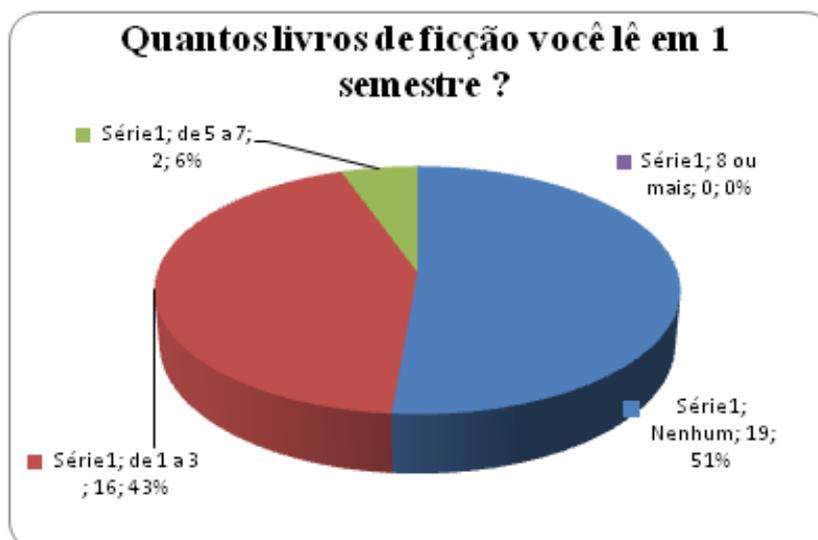


Gráfico 3: Livros de ficção lidos em um semestre



Dos que responderam não ler nenhum livro de ficção no período estabelecido (19 alunos = 51%), quatro haviam declarado, na questão anterior, serem leitores da Bíblia, e três, de romances. Isso indica que nem a Bíblia nem os romances são ficcionais para esses alunos.

Dos dezesseis (43%) alunos que afirmaram ler de 1 a 3 livros de ficção em um semestre, um havia respondido que só lia livros técnicos, e o outro, conteúdos educativos na INTERNET; textos que não são ficcionais.

Dos que leem de 5 a 7 livros de ficção (2 alunos=6%), um aluno havia declarado antes que teria o costume de ler apenas jornais e revistas. Estas últimas, na realidade, não apresentam comumente textos ficcionais.

Percebeu-se que os alunos não sabem diferenciar um texto ficcional de um não-ficcional, fato que faz com que o **gráfico 3** não retrate a realidade.

Já o **gráfico 4** apresenta os percentuais de respostas para a pergunta “Qual a sua opinião sobre as aulas de Literatura?”



Gráfico 4: A importância das aulas de Literatura

As respostas revelam que a maioria dos alunos acha as aulas de Literatura importantes porque, além de estimularem a leitura, visam à formação geral do educando e, por último, são necessárias para passar no vestibular.

No entanto, há também os que acham as aulas desnecessárias para a sua formação e os que consideram as aulas monótonas.

O **gráfico 5** expressa o que sentem os alunos nas aulas de Literatura.



Gráfico 5: Opinião dos alunos sobre suas atuais aulas de Literatura



Os resultados apontam que a maior parte dos alunos (76%) sente-se estimulada a ler, gosta da disciplina ou tem algum interesse nela.

Quanto à pergunta “Qual é a importância da leitura para você?”, dois alunos não demonstraram clareza nas respostas. É o caso dos que disseram o seguinte: “Gostaria muito de me aprofundar no assunto, mas não temos direcionamento, e nem incentivos à leitura”; “É legal”.

A análise das respostas dos outros alunos permitiu a identificação de conteúdos que foram codificados em seis categorias de respostas, através da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2009):

Imaginação- Um aluno respondeu que a leitura alimenta a imaginação: “A sintonia que nós leitores temos com os personagens que não vemos, mas imaginamos”.

Formação- Três alunos responderam que a leitura é importante para a formação (“Se houvesse aula estimulante, seria bom para minha formação.”; “Boa para formação”; “É importante porque irá ajudar na minha formação...”).

Vida Profissional- Dois alunos responderam que a leitura é importante

para a vida profissional (“Sem ela não conseguimos ter avanço na vida profissional.”; “Boa para todas as profissões que eu escolha seguir.”).

Conhecimento- Vinte e um alunos responderam que a leitura ensina; aumenta, estimula, aprimora seus conhecimentos, como mostram os seguintes exemplos: “Atualiza os conhecimentos.”; “Abre os horizontes do conhecimento.”; “Adquire novos conhecimentos.”; “Obter mais conhecimentos.”; “Aprimora o conhecimento.”; “Traz conhecimentos.”; “A leitura é fundamental ao nosso ensino.”; “A leitura nos ensina muitas coisas.”; “Para saber sempre mais.”

Escrita – Cinco alunos responderam que a leitura melhora a escrita, como expresso nas seguintes falas: “Ajuda na escrita, enriquece o vocabulário.”; “Quem lê muito escreve bem.”; “Nos ensina a escrever melhor.”; “Para poder escrever.”; “É importante para a leitura e para a escrita.”

Expressão – Três alunos sugeriram que a leitura aprimora a expressão linguística (“Desenvolve o vocabulário.”; “Estimula a fala.”; “Aprimora a linguagem.”).

As respostas podem ser melhor visualizadas, abaixo, no **gráfico 6**:



Gráfico 6: Análise de conteúdos sobre a importância da leitura



Para os alunos do PROEJA, a leitura está sempre atrelada ao aprendizado ou ao desenvolvimento de habilidades. Em nenhuma das respostas, a leitura surge como entretenimento ou prazer.

Com relação à pergunta “O que mudariam nas aulas de Literatura?”, vinte alunos sugeriram que mudariam o encaminhamento das aulas, que, segundo eles, poderiam ser mais dinâmicas, estimulantes, interativas e criativas. Essas opiniões podem ser exemplificadas com as seguintes respostas: “Torná-las mais dinâmicas e expressivas”; “Aulas mais dinâmicas,

com uso de filmes, vídeos, peças teatrais extra-classe, entre outros recursos.”; “Daria mais interatividade.”; “A forma do professor passar a matéria (...).”; “O jeito do professor ensinar.”; “Forma interativa e criativa de ensinar”.

Sete alunos destacaram a necessidade de inclusão de atividades e conteúdos, como “Mais exercícios de interpretação”; “Mais incentivo à leitura”; “Falar mais sobre autores e obras brasileiras”.

O percentual dessas e de outras respostas pode ser conferido no **gráfico 7** abaixo:

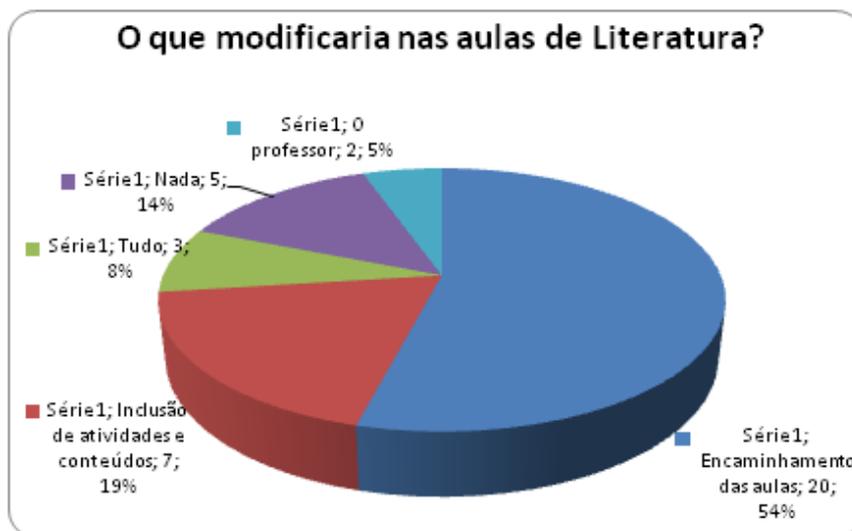


Gráfico 7: O que os alunos modificariam nas aulas de Literatura

Através das respostas, notamos que, para a maioria dos alunos do PROEJA, as aulas de Literatura não correspondem às suas expectativas. Essa conclusão parece não condizer com a deduzida do **gráfico 4**, que aponta o interesse dos alunos pelas aulas.

Reflexões sobre os dados da pesquisa

Devemos, neste momento, concordar com Cereja quando este diz que “vários fatores podem alterar ou maquiagem os resultados [de uma pesquisa], os que vão da abrangência e da clareza das questões formuladas, da disponibilidade e da sinceridade das pessoas para responder às perguntas, entre outros.” (CEREJA, 2005, p.52).

No caso desta pesquisa, os resultados não devem ser generalizados, pois são apenas alguns indicadores de uma realidade cujos aspectos não estão totalmente claros para os sujeitos envolvidos.

Com base nos dados, tentou-se chegar, de forma mais objetiva possível, a algumas conclusões, a saber:

1ª) Apesar do tempo de atuação dos professores, eles ainda veem como difícil desafio incentivar os alunos do PROEJA a ler.

2ª) Nas práticas metodológicas promovidas pelos professores, percebe-se a valorização de recursos variados e do debate, em que os alunos podem expor seus pontos de vista. No entanto, apesar





disso, muitos alunos sugeriram que as aulas são monótonas. Não está havendo, portanto, sintonia entre o que o professor propõe e o que o alunos esperam das aulas.

3ª) O desafio dos professores em incentivar o hábito de leitura, principalmente de textos literários, está no interesse (ou falta dele) do próprio aluno. É necessário, porém, compreender que estimular a leitura é certamente mais fácil em crianças que em jovens e adultos, pois o educando do PROEJA, com personalidade já formada, em geral, trabalhador, chefe de família, normalmente vê na falta de tempo um grande empecilho. Quando o aluno lê, normalmente volta-se para materiais mais informativos.

4ª) Apesar de os alunos declararem interesse pelas aulas de Literatura, muitos gostariam que elas fossem mais dinâmicas. O professor tem o desafio de propor uma participação mais ativa dos alunos, que, antes de tudo, se valha de suas experiências, de seus valores, de suas perspectivas e de seus sonhos.

5ª) Nas respostas sobre a importância da leitura, os alunos relacionaram a leitura ao aprendizado de conteúdos ou ao desenvolvimento de habilidades. Talvez essa pergunta seja o ponto central da pesquisa, pois, a partir dela, entendemos que os alunos, já no final do curso, não percebem a leitura de forma mais abrangente; não veem o texto como fonte de prazer ou de desenvolvimento de percepções e sentimentos. É o momento de questionarmos: Que formação para a vida obteve o aluno do PROEJA?

O DESAFIO NA FORMAÇÃO DE LEITORES NO PROEJA: ALGUMAS PROPOSTAS

Tornar-se leitor e auxiliar na formação de novos leitores parece ser um compromisso de cidadania para quem acredita que ler não é apenas decodificar signos, mas um ato que pode mudar os rumos da(s) vida(s) (QUEVEDO, 2002).

O ensino de Literatura tem que ser, sobretudo, significativo. Para tanto, Martins explica que

o professor deveria confrontar o aluno com a diversidade de leituras do texto literário, para que o educando reconheça que o sentido não está no texto, mas é construído pelos leitores na interação com texto. É justamente a partir dessa interação do aluno com textos que o estudo da Literatura se torna significativo. (MARTINS, 2006, p.85)

A leitura deve ser estimulada e não obrigada; o aluno deve ser persuadido, motivado a gostar de ler, atraído pelo texto literário. Na lembrança de muitos adultos, a prática da leitura aparece ligada a cópias, avaliações de interpretação de texto e ao pretexto para o ensino da gramática; enfim, algo fatigante e sem sentido, que os leva a se tornarem leitores mecanizados e não críticos. O professor precisa, portanto, diagnosticar a relação de seus alunos com a leitura, investigar seus gostos e interesses, sua disponibilidade de tempo para ler, valorizar suas histórias de leituras, criar espaços e metodologias que os aproximem do livro, pois

quando o ato de ler se configura, preferencialmente, como atendimento aos interesses do leitor, desencadeia o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, motivando o prazer da leitura (BORDINI; AGUIAR, 1998, p. 26).

Martins oferece algumas sugestões metodológicas para diminuir a distância entre a teoria e a prática em sala de aula. Segundo a autora,

a escola deve criar estratégias diversificadas que aproximem o aluno do texto, motivando-os a ler por prazer, levando-os a perceber as possibilidades de significação do texto literário, que os ajuda a conhecer a si mesmos, sua



comunidade e seu mundo mais profundamente. (MARTINS, 2006, p.68).

Apresentaremos aqui algumas propostas, dessa autora, que vão de encontro aos resultados de nossa pesquisa:

- Desmistificar a concepção de escolarização de literatura como fenômeno, decorativo, belo, cuja leitura ajudará o aluno a escrever bons textos.
- Evitar trabalhar a literatura apenas por meio de textos fragmentados e descontextualizados.
- Dissociar a leitura do texto literário de análises puramente gramaticais, estilísticas etc.
- Incentivar a leitura de textos contemporâneos produzidos por autores locais.
- Considerar as escolhas dos alunos em momentos adequados, desvinculando-se o ato da leitura das práticas escolares. É preciso incentivar o caráter lúdico da leitura como ato de prazer.
- Promover o diálogo entre literatura e outras artes.
- Valorizar as histórias de leitura dos alunos.

Segundo Santos e Zinani (2008), uma proposta que pode oportunizar ao educando condições para que ele reconheça a importância da literatura em sua formação integral é um modelo de trabalho, muito utilizado em ciência sociais, denominado pesquisa-ação.

Para as autoras, “na pesquisa-ação tanto o professor quanto os alunos tornam-se pesquisadores em sala de aula. O professor detém as melhores condições de avaliar a prática docente e os alunos participam ativamente do processo de ensino e aprendizagem,

favorecendo sua autonomia” (SANTOS E ZINANI, 2008. p.71).

Nessa proposta metodológica, o aluno situa-se como centro do evento educacional. “O professor consiste em orientá-lo, promover *feedback* e propor redirecionamento das ações quando necessárias, a fim de que o conhecimento se torne uma produção coletiva pela qual todos são responsáveis” (Id. Ib.).

A proposta da pesquisa-ação, nas aulas de Literatura no PROEJA, levaria maior dinamismo às aulas, resgataria a autoestima de muitos alunos, promovendo um aprendizado significativo e mais próximo de suas realidades, além de promover a leitura por prazer.

De acordo com o documento base do PROEJA, assumir a EJA como um campo de conhecimento específico é aspecto irrenunciável, “o que implica investigar, também, o papel do sujeito professor de EJA, suas práticas pedagógicas, seus modos próprios de reinventar a didática cotidiana, desafiando-o a novas buscas e conquistas” (BRASIL, 2007, p. 35-36). Mais adiante, completa ser “fundamental à implantação dessa política uma sólida formação continuada dos docentes” (BRASIL, 2007, p.37). Diante da leitura do citado trecho, pressupõe-se que o professor de Literatura no PROEJA esteja sempre disposto a mudar suas práticas, a pesquisar novas metodologias, a se atualizar continuamente tanto para promover a aprendizagem significativa de seus alunos, quanto para lidar de forma coerente com as peculiaridades da educação de jovens e adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler pode tornar o homem perigosamente humano.
(Guiomar de Grammon)

O documento base do PROEJA volta seu olhar para a formação humana integral. No entanto, o que percebemos, nas aulas de Literatura, é que tal movimento não se efetiva plenamente.





São muitos os desafios na formação de leitores no PROEJA. O despreparo dos professores, as metodologias utilizadas e a distância entre os alunos e a leitura são grandes entraves do processo educativo.

Esperamos que essa pesquisa promova a reflexão sobre o papel da

Literatura e da leitura na formação dos alunos do PROEJA. Desejamos que estejam próximas desses sujeitos, fazendo parte de suas realidades, para que o esforço de humanização seja uma realidade em nossas escolas.

THE TEACHING OF LITERATURE AND THE CHALLENGE FOR FORMATION OF READERS IN PROEJA

ABSTRACT

This study aims to report a research that sought to investigate how Literature in PROEJA classes of federal institutions has been effectively worked, if its teaching promotes the formation of readers and if cooperate so that the general PROEJA goals be achieved. To this end, started from a theoretical referential about PROEJA and the teaching of Literature to analyze information obtained through questionnaires with teachers and students.

Keywords: Teaching, Formation of readers, Literature, PROEJA.

Artigo submetido para publicação em: 23/08/2011

Aceito em: 02/11/2011

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Eliane Ribeiro; PAIVA, Jane. (2004). Políticas públicas de direito à Educação de Jovens e Adultos no Rio de Janeiro: estudos da região metropolitana. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt18/t186.pdf>>. Acesso em: abr. 2011.
- BARDIN, L. (2009). **Análise de conteúdo**. 5 ed. Lisboa: Edições 70.
- BECKER, Gislaine. A Literatura serve para quê? **Revista Espaço Acadêmico**. Ano X. 2010. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com/2010/02/13-a-literatura-serve-para-que>>. Acesso em: jun. 2011.
- BORDINI, M. da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. (1988). **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- BRASIL. Ministério da Educação. (1994). **Diretrizes para uma Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC/SEF.
- _____. (1996). **Lei nº 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: fev. 2011.
- _____. (2006). **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: MEC / SEMTEC.



- _____. (2007). **Documento Base da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: SETEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf>. Acesso em: jan. 2011.
- CANDIDO, Antonio. (2004). O direito à literatura. In:_____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Duas Cidades. p. 176-180.
- CEREJA, William Roberto. (2005). **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual.
- COUTINHO, Afrânio. (2008). **Notas de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes.
- CURY, Jamil. (2008). A educação escolar, a exclusão e seus destinatários. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.48, p.207-224. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n48/910n48.pdf>>. Acesso em: mar. 2011.
- FREIRE, Paulo. (2005). **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (2010). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez.
- GERALDI, J. W. (1994). A leitura na sala de aula: muitas facetas de um leitor. In: MARINHO, Jorge Miguel et al. **Série Ideias**, n. 5. 2 ed. São Paulo: FDE/Diretoria de Projetos Especiais. p. 79-84.
- LEITE, L. C. de Moraes.(2004) Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática. p. 17-25.
- LENER, Delia. (2002). **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed.
- MARTINS, Ivanda. (2006). A Literatura no ensino médio: quais os desafios do professor. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e a formação do professor**. São Paulo, Parábola Editorial.
- NIERO, Pamela. (2010). Ensino de literatura no ensino médio e a (de) formação de leitores. **Revista Língua e Educação**, 2 ed. Disponível em: < <http://www.linguaeducacao.net>>. Acesso em: jul. 2011.
- QUEVEDO, Hercílio F. (2002). Ler é nossa função essencial (ou não?). In: RÖSING, Tânia; BECKER, Paulo (orgs.). **Leitura e animação cultural**. Passo Fundo: UPF.
- SANTOS, Salete R. P.; ZINANI, Cecil J. A. (2008). Leitura e literatura: pesquisa em sala de aula, uma alternativa metodológica. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 71-74. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4756/3585>>. Acesso em: jun. 2011.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (2011). Da infância à ciência: língua e literatura. **Revista na Ponta do Lápis**, ano VII, n. 16, p. 22-23.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO PARA OS DOCENTES

1- Qual é a sua formação?

- () Graduação () Mestrado
() Especialização () Doutorado

Em que área?

2- Há quanto tempo atua no magistério?

- () Menos de 5 anos () Mais de 10 anos





() Mais de 6 anos () Mais de 20 anos

3- Há quanto tempo atua no PROEJA?

4- Antes de atuar no PROEJA já teve experiências em turmas da EJA?

() Não

() Sim. Por quanto tempo?

5- Que procedimentos metodológicos você utiliza em suas aulas?

6- Quais são os desafios para a formação de leitores no PROEJA?

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1- Você costuma ler?

() Sim () Não

Em caso afirmativo, o que costuma ler?

2- Quantos livros de ficção você lê em um semestre?

() Nenhum () De 1 a 3

() De 5 a 7 () 8 ou mais

3- Qual a sua principal opinião sobre as aulas de Literatura?

() Monótonas.

() Importantes para minha formação geral.

() Estimulam a leitura.

() Necessárias apenas para passar no vestibular.

() Desnecessárias para a minha formação.

4- Nas aulas de literatura você

() é estimulado a ler.

() sente-se interessado, pois gosta da disciplina.

() sente-se interessado, pois tem que passar no vestibular.

() sente-se cansado e desinteressado.

() é obrigado a memorizar datas, autores e características de estilos de época.

5- Qual é a importância da leitura para você?

6- O que modificaria nas aulas de literatura?